

CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Todos sabemos da importância dos cursos de pós-graduação no Brasil hoje. Da formação e preparo de professores, pesquisadores e cientistas dependem o progresso e um futuro promissor.

A Igreja, atenta aos *sinais dos tempos*, procura formar seus sacerdotes, agentes pastorais e militantes leigos para a tarefa da evangelização.

Assim, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, tem se empenhado em criar e manter programas de pós-graduação com o objetivo de oferecer qualificação acadêmica para o exercício do magistério teológico, da pesquisa científica e do ministério pastoral.

Principais áreas atendidas pelo Departamento de Pós-Graduação:

TEOLOGIA DOGMÁTICA: estuda, sistematicamente, a doutrina da Igreja e sua contextualização na América Latina.

TEOLOGIA MORAL: em base às fontes da fé e às ciências modernas confronta os desafios éticos presentes no contexto latino-americano e busca soluções.

ESTUDOS BÍBLICOS: fornece instrumental para a leitura pastoral e científica das Sagradas Escrituras.

PASTORAL: a partir dos grandes desafios da modernidade, busca caminhos novos de evangelização, especialmente, no contexto urbano e latino-americano.

LITURGIA: analisa a realidade litúrgica com metodologia adequada à luz da Sagrada Escritura e da Tradição viva da Igreja.

MISSIOLOGIA: procura responder às exigências da evangelização que deve ser nova, integral e inculturada.

HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO: propõe uma reflexão teológica sobre os grandes desafios do tempo presente, na metodologia histórica, nas ciências sociais e no ecumenismo.

Os cursos são semestrais, com matrículas nos meses de fevereiro e julho.

As aulas são oferecidas de segunda e sexta-feira, de manhã e a tarde, no Campus III da mesma Faculdade.

Outras informações: Av. Nazaré, 993

04263-100 - São Paulo - SP.

Fone 272-8600

Fax 272-7630

DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE CATÓLICOS, PROTESTANTES E PENTECOSTAIS NO BRASIL

Ricardo Mariano

O ecumenismo é um movimento histórico recente. Só adquiriu força, projeção e importância neste século, em especial na Europa e América do Norte, favorecido que foi pelo processo de secularização, pelo crescente pluralismo religioso, pelo esfacelamento da cristandade e pelo desconforto e anomia provocados por duas grandes guerras mundiais, diante das quais as igrejas cristãs viram-se desautorizadas a pregar a paz entre os povos, enquanto lutavam entre si.

Foi a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado por João XXIII, o "papa ecumênico", que setores católicos, protestantes e ortodoxos passaram a dialogar com maior frequência e desenvoltura. Não custa lembrar, porém, que o passo inicial neste sentido foi dado pelos protestantes, que desde meados do século XIX, na Europa e nos EUA, vinham criando grupos paraeclesiais e entidades interevangélicas ecumênicas. Neste século, o ecumenismo protestante evoluiu muito. Seus primeiros frutos foram as históricas conferências interconfessionais de

Estocolmo, em 1925, e Lausanne, 1927. Estas culminaram na fundação, (Amsterdã, 1948) do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), o qual, 15 anos depois, ao receber a adesão em massa das igrejas ortodoxas orientais, deixou de ser uma entidade exclusivamente protestante. Desde sua fundação, o CMI constituiu-se no principal canal de diálogo e espaço para cooperação entre protestantes, católicos e ortodoxos. Mais tarde, com o Vaticano II, foi a vez da Igreja Católica abrir novos canais de comunicação com outras denominações cristãs. Mas este diálogo ainda está no início.

Na América Latina, sobretudo no Brasil, o movimento ecumênico encontra muitas resistências no campo evangélico. Há muito que caminhar e muitas barreiras a ultrapassar para que católicos e protestantes estreitem relações no Brasil. Isto tem sua razão de ser, posto que não é fácil superar mais de um século de rivalidades, escaramuças, perseguições¹. Respeitar as diferenças alheias, tratá-las como legítimas, sem etnocentris-

1. Antônio Gouvêa Mendonça, in "O não-ecumenismo no Brasil" (*Tempo e Presença*, 271, set/out. de 1993, p. 23-25), discorre sumariamente sobre a histórica rivalidade entre católicos e protestantes no Brasil.

mos, então, parece ser algo ainda mais difícil, sobretudo quando se está percorrendo um terreno minado por dogmas e tradições religiosas. Felizmente, porém, os passos iniciais desse caminhar ecumênico já foram dados.

PROTESTANTES E PENTECOSTAIS

O caminho para o diálogo das igrejas protestantes entre si e destas com as pentecostais parece, ao menos no exterior, mais fácil de ser trilhado. São várias as entidades ecumênicas interevangélicas existentes, tais como Conselho Mundial de Igrejas, Confederação Evangélica Latino-Americana (CONELA), Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL, fundada em 1970), Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI, 1982). No Brasil, entre outras, constam Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE, 1961), Sociedade Bíblica do Brasil (SBB, 1948), Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1974), Associação Evangélica Brasileira (AEVB, 1991)². Dentre estas, a AEVB é a mais representativa, a que mais abrange o campo evangélico.

Não há dúvida de que a desenfreada multiplicação de igrejas, o contínuo divisionismo denomina-

cional, o conservadorismo teológico, a competição predatória dificultam muito o diálogo e a cooperação interevangélica. Hoje em dia, porém, comparado aos tempos em que os protestantes discriminavam preconceituosa e contundentemente os pentecostais, parece haver menos barreiras separando os diferentes segmentos evangélicos. Quanto aos fiéis, pode-se dizer que existe algo próximo a um ecumenismo interevangélico de base, favorecido, em parte, pela progressiva pentecostalização da membresia das igrejas protestantes históricas. Quanto às cúpulas eclesiásticas, a coisa muda de figura, por razões doutrinárias, concorrenciais, de poder, etc. De qualquer modo, as lideranças das denominações protestantes históricas mostram-se hoje bem mais flexíveis e tolerantes com alguns segmentos pentecostais do que no passado recente; estão mais abertas ao diálogo com o pentecostalismo clássico e com certos grupos carismáticos. Contudo, a atual preocupação dos líderes protestantes com seu reduzido crescimento, para não dizer com sua sobrevivência institucional, poderá resultar numa grande agressividade concorrencial com os pentecostais em busca de espaço no mercado religioso, o que, se ocorrer, tenderá a prejudicar o diálogo interevangélico.

2. A AEVB, principal órgão representativo dos evangélicos no país, conta com mais de cinco mil associados, entre líderes pentecostais, protestantes renovados e históricos e entidades jurídicas, como seminários e missões.

A Igreja Universal do Reino de Deus constitui hoje, como a Brasil Para Cristo décadas atrás, importante foco de discórdia e divisionismo no campo evangélico. Vale lembrar que a AEVB surgiu, alegadamente, para se contrapor ao fisiologismo de políticos evangélicos, que, espertamente, ressuscitaram a Confederação Evangélica do Brasil (CEB, 1934-1964) com o fim de faturar dinheiro público, e defender as demais igrejas do risco de uma eventual generalização das graves acusações policiais, judiciais e jornalísticas que pesavam sobre a Universal. Com isto, ao mesmo tempo que a AEVB uniu amplos e importantes segmentos evangélicos, isolou outros, aprofundando a tendência divisionista protestante. Daí surgiu o Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB, 1993). As recentes brigas entre bispos e reverendos não são segredo para ninguém. Ecoam na grande imprensa e até na TV.

A DIFÍCIL ARTE DE DIALOGAR

O diálogo entre católicos e protestantes, além de precário, diminuído, ainda se encontra em seus primórdios. Imaginem, agora, a inclusão dos pentecostais nessa caminhada ecumênica. Tal hipótese não é mero exercício de ficção, visto que a

aproximação com os pentecostais está na ordem do dia de várias entidades ecumênicas. Isto tem sua razão de ser: o pentecostalismo, além de ser o ramo do cristianismo que mais cresceu nas últimas décadas, já representa mais de 70% dos evangélicos no Brasil e na América Latina. Por seu tamanho, visibilidade e importância crescentes, não pode mais ser desprezado.

Naturalmente, os pentecostais, que no passado sofreram perseguição religiosa e hoje padecem como vítimas de preconceito e discriminação, desconfiam das intenções dos novos interlocutores, sobretudo da Igreja Católica. Perseguidos por padres católicos até o começo dos anos 60, forjaram uma identidade anticatólica, que ainda vigora. Não é à toa que a maioria dos pentecostais identificam a Igreja Católica como adversária. Mas eles não estão sós, pois cerca de um terço dos evangélicos a considera demoníaca, o que a torna necessariamente alvo de seu proselitismo³. Decorre daí que o ecumenismo, o qual identificam como capciosa tramóia forjada no Vaticano, costuma ser visto pelos pentecostais brasileiros como mais uma artimanha satânica da Igreja Católica para atrapalhar sua missão divina: a evangelização da humanidade.

3. Segundo pesquisa do ISER, ainda não publicada, 34% dos evangélicos consideram a Igreja Católica demoníaca, taxa que sobe para 55% entre os membros da Igreja Universal do Reino de Deus.

O principal empecilho para a participação dos pentecostais nos movimentos ecumênicos é, obviamente, a presença da Igreja Católica. Suas críticas à idolatria aos santos e ao culto a Maria são conhecidas de todos. Mas eles, como todo campo evangélico, aliás, não param por aí. Criticam também a infalibilidade papal, a crença no purgatório, a confissão auricular, o sacrifício da missa, a doutrina da transubstanciação, o celibato dos padres, o culto aos mortos, a lassidão moral dos católicos, a ênfase nas obras e não na fé para a salvação, a importância dada à tradição, em detrimento da Bíblia.

Como se pode ver, são muitas as divergências rituais e doutrinárias a separar católicos e evangélicos. Soma-se a isto o fato de o pentecostal convertido avaliar seu passado pré-conversão como uma terrível experiência pecaminosa associada às forças do mal. Regenerado, arrependido, salvo em Cristo, este crente, geralmente ex-católico não praticante, tende a repudiar sua religião anterior, identificando-a com pecado, idolatria e com o próprio Diabo, "pai da mentira".

Mas há problemas ainda maiores a serem enfrentados. O ecumenismo implica, tacitamente, em que as igrejas envolvidas não avancem na seara alheia; algo viável de ser cumprido nas sociedades em que as diferentes religiões não estão crescendo, numericamente, e em que a política ecumênica visa, acima de tudo, combater inimigos em comum: a secula-

rização, o materialismo. Este certamente não é o caso do Brasil, cujo povo é profundamente religioso, crédulo. Mas como é que se vai propor ecumenismo aos líderes pentecostais, com suas igrejas crescendo avassaladoramente sobretudo às custas de perdas da Igreja Católica? Seu vertiginoso crescimento constitui forte razão pela qual os pentecostais não têm interesse algum no diálogo ecumênico. Não é à toa que no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC, fundado em 1982), entidade ecumênica na qual a Igreja Católica toma parte, só constam denominações evangélicas que não crescem ou então apresentam crescimento vegetativo, como Metodista, Presbiteriana Unida do Brasil, Cristã Reformada do Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.

A maioria dos evangélicos, não só os pentecostais, continuam a ver o Brasil, maior país católico do mundo, como terra de missão a ser cristianizada. Com seu ímpeto jesuítico, militante, os pentecostais são incapazes de aventar, mesmo nos piores pesadelos em que se vêem barbaramente perseguidos, a possibilidade de parar de pregar o Evangelho a católicos, espíritas, umbandistas, etc. Tal absurdo - parar de pregar a Palavra aos ímpios, abandonar a missão conversionista - não passa pelo crânio dos pentecostais, que devotam obediência irrestrita ao mandamento bíblico "ide, pregai e fazei discípulos".

Barreira ainda maior para o diálogo ecumênico reside no fato de que os pentecostais, tal como os fundamentalistas, acreditam possuir a "Verdade" divina, motivo pelo qual eles jamais relativizam sua opção religiosa em comparação às concorrentes. Sua fé é a melhor, a única sustentada por Deus, porque está, ao contrário de todas as outras, baseada na exclusiva e imutável verdade das Escrituras Sagradas. Resulta disso que as demais religiões, sobretudo as não cristãs, sofrem de sua parte severo processo de satanização. Mesmo entre as denominações pentecostais há as exclusivistas como a Congregação Cristã no Brasil e a Deus é Amor, que negam às outras a posse e a prática das verdades bíblicas que conduzem à salvação.

Como propor diálogo ecumênico que implica tolerância, abertura ao outro, receptividade ao diferente, a quem acredita piamente possuir, com exclusividade, a verdade divina? Aquele que se julga detentor da verdade não está em condições de se abrir para tal diálogo, dada sua indisposição a ouvir, receber, trocar, comungar. Sua disposição, invariavelmente, é a de levar o interlocutor a reconhecer seus erros, heresias, sua perdição, com o propósito de convertê-lo. Nesse propósito conversionista, que oscila da complacência à intransigência, não há espaço para o diálogo ecumênico.

Comparadas às igrejas pentecostais européias, africanas e mesmo latino-americanas, as brasileiras são, de longe, as menos propensas ao ecumenismo. Exemplos. Entre os filiados do CMI constam 5% de igrejas pentecostais, nenhuma brasileira. Cerca de 23% das igrejas filiadas ao CLAI são pentecostais, mas nenhuma delas é do Brasil. As sete maiores igrejas pentecostais do país - Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus, que representam entre 70 e 80% do pentecostalismo brasileiro - são radicalmente anti-ecumênicas.

A Assembléia de Deus, maior igreja evangélica do país, está realizando a "Década da Colheita", projeto evangelístico que pretende conquistar 50 milhões de adeptos nesta década. Como é que se vai propor diálogo ecumênico para uma denominação empenhada em tal megalômano projeto conversionista? A Congregação Cristã e a Deus é Amor, como dissemos, são exclusivistas; cada qual acredita possuir a verdade. Ambas não estão dispostas a dialogar, mas, sim, a evangelizar. Os programas de rádio da Igreja Deus é Amor freqüentemente convidam católicos e espíritas para ir aos seus cultos, com a finalidade precípua de convertê-los. A Evangelho Quadrangular e a Casa da Bênção estão aderindo às formulações dos

pregadores da “batalha espiritual”, ou seja, estão entrando em guerra, no plano espiritual, com outras religiões e concepções religiosas que consideram demoníacas. A Brasil Para Cristo (podem argumentar alguns) fez parte do Conselho Mundial de Igrejas, entidade ecumênica protestante. É verdade. Mas já não faz parte há alguns anos. Esta filiação ao CMI decorreu de uma decisão unilateral de Manoel de Mello, fundador da igreja, em busca de prestígio e vantagens. Quando ele foi destituído da direção da Brasil Para Cristo, a Convenção Nacional da igreja manifestou publicamente sua reprovação à pregressa decisão de seu ex-líder, retirando-se do CMI. Quanto à Igreja Universal, todos conhecem sua disposição belicista traduzida, emblematicamente, na malfadada “guerra santa” que promove diariamente em seus templos contra os cultos afro-brasileiros e a Igreja Católica.

A batalha espiritual, modismo teológico formulado por Peter Wagner, professor do *Seminary Fuller*, de Pasadena, Califórnia, que invadiu igrejas pentecostais, protestantes renovadas e mesmo históricas nesta década, constitui outro forte obstáculo ao diálogo ecumênico. Os adeptos da batalha espiritual enxergam demônio em todos os lugares possíveis e imagináveis, mas sobretudo nas demais religiões. A umbanda, o candomblé, o kardecismo, o catolicismo, a Nova Era estão entre as principais vítimas da verdadeira paranóia com demônios que vem se forman-

do nos meios evangélicos, a partir da difusão das crenças nos espíritos hereditários e territoriais. Pode parecer piada, mas, segundo apostila da Missão Shekinah, paraeclesiástica (fundada em 1991 por um ex-metodista) difusora das crenças de batalha espiritual, os demônios podem se apresentar de diferentes formas. Constam entre elas “tartarugas ninjas”, “gênio”, “duendes”, “cavalo alado”. Os demônios podem ainda fixar-se em objetos como “fofão”, colchão magnético, discos de rock, etc. Crenças deste gênero tornam quase tudo sob a face da terra, passível de ser demonizado e, por consequência, exorcizado.

Mas são os cultos afro-brasileiros e a Igreja Católica os mais freqüentemente identificados com o Diabo e seus demônios e, por conseguinte, os mais atacados pelos partidários das “correntes de libertação” e da batalha espiritual. Partindo do versículo bíblico que diz “feliz a nação cujo Deus é o Senhor” (Salmos 33: 12) e não a “Senhora”, os coordenadores da Marcha Libertação Brasil estão fazendo campanha contra o decreto-lei 6082 que declara feriado nacional o dia 12 de outubro para culto público e oficial a Nossa Senhora de Aparecida. Eles têm preenchido abaixo-assinados por todos os Estados contra o feriado, alegando que o país está sob severa maldição, devido à idolatria institucionalizada a este poderoso demônio territorial. Os demais santos católicos, sobretudo os que nomeiam ci-

dades, também têm sido objeto de intercessões coletivas para que sejam expulsos e parem de amaldiçoar as pessoas da localidade sob seu domínio. Como propor diálogo ecumênico a religiosos que estão, declaradamente, em guerra espiritual com o fim explícito de aniquilar as outras religiões, para tornar o país evangélico?

RETROCESSO ECUMÊNICO DA IGREJA CATÓLICA

Como vimos, são diversas as barreiras interpostas pelos pentecostais para que este diálogo se viabilize.

Qualquer diálogo, porém, implica a existência e participação do outro. A Igreja Católica, parte interessada neste diálogo, tem se comportado de modo ambíguo entre sua proposta ecumênica e o firme propósito de manter sua hegemonia religiosa no Brasil. Ao mesmo tempo que se propõe a dialogar com os concorrentes, quer se manter hegemônica, recuperar o rebanho perdido, investir na evangelização através dos meios de comunicação de massa, encontrar respostas e estratégias pastorais adequadas para barrar o crescimento das “seitas” pentecostais⁴.

4. A preocupação da Igreja Católica com o crescimento das “seitas” não é recente. Desde 1982, o Setor de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da CNBB, a pedido do Vaticano, vem pesquisando o fenômeno. A CNBB chegou a produzir documento acusando governos de direita e a CIA de fomentar a expansão de seitas alienantes e conservadoras do *status quo* na América Latina, para dificultar a ação da igreja “progressista”. Tal teoria conspiratória ainda teve fôlego suficiente para ser reproduzida em 1987 no livro *Os Demônios Descem do Norte* (Rio de Janeiro, Francisco Alves), do católico Délcio Monteiro de Lima, referindo-se a pentecostais e outros grupos religiosos oriundos dos Estados Unidos. Nesse período, a Igreja começa a deixar de lado as explicações simplistas e preconceituosas e parte para pesquisar o fenômeno a fundo, em colaboração com o ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) e o antigo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), agora Koinonia. Este esforço conjunto, capitaneado pelo CONIC, resultou na realização de seminários e na publicação das revistas *Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil* (Cadernos do ISER, 21, Rio de Janeiro, ISER, 1989), *Sinais dos Tempos: Tradições Religiosas no Brasil* (Cadernos do ISER, 22, Rio, ISER, 1989) e *Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil* (Cadernos do ISER, 23, Rio, ISER, 1990), organizadas por Leilah Landim. Depois disso, CNBB e CONIC realizaram três seminários nacionais sobre “A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil” em 1991, 1992 e 1994, nas cidades de São Paulo, Salvador e Brasília, respectivamente, resultando na publicação de três livros, todos com o mesmo título dos seminários, pelas editoras Paulinas e Paulus. A partir de 1990 a preocupação com o crescimento dos concorrentes recrudesciu ainda mais, tornando a expansão das “seitas” tema quase constante das Assembléias Gerais da CNBB e até de encontros do papa com bispos brasileiros. Em 1995, o CONIC realizou na cidade de São Paulo seminário intitulado “Pentecostalismo: Desafios e Perspectivas Ecumênicas”. Nesse mesmo ano, o Conselho Pontifício para a Família e a Comissão Pontifícia para a América Latina, dois órgãos do Vaticano, realizaram encontro em Petrópolis, com a presença de 21 bispos, para discutir o que fazer “diante dos desafios das seitas”.

Esta ambigüidade está presente nos atos e discursos do próprio papa João Paulo II. Por um lado, ele faz belos discursos e produz documentos sobre unidade cristã. Por outro, incentiva a Renovação Carismática, vertente católica antiecumênica e proselitista, que, com a bênção papal, encabeça os projetos Evangelização 2000 e Lumem 2000, fomentados para tentar barrar o crescimento pentecostal e recuperar os fiéis perdidos através do evangelismo pessoal e do uso da mídia eletrônica.

A intensa preocupação com a progressiva perda da hegemonia religiosa na América Latina, isto é, com o "avanço e a ameaça das seitas", tem feito a diplomacia ecumênica perder terreno no seio da Igreja Católica. Segundo o presidente do CLAI, Walter Altmann, "no mundo protestante, fala-se com frequência no retrocesso ecumênico da Igreja Católica" (*Contexto Pastoral*, mar/abr, 25). Há vários indícios desse retrocesso. O padre Alberto Antoniazzi constatou que, nos últimos anos, esfriou "o interesse do episcopado e das dioceses pelo diálogo ecumênico". Afirmou isto, baseando-se numa pesquisa interna da CNBB, feita no final de 1990, segundo a qual em nenhuma diocese do país o ecumenismo era prioridade nos planos pastorais⁵. João Paulo II, quando

esteve no Brasil em 1991, atento à diminuição de seu rebanho e ao crescimento dos adversários, cobrou dos cerca de 300 bispos reunidos em Natal durante o Congresso Eucarístico "uma ação mais eficaz contra a ignorância religiosa e a carência de doutrina que deixam o povo vulnerável à sedução das seitas" (*Veja*, 23.10.1991). Em setembro de 1995, reunido no Vaticano com bispos da região Nordeste do Brasil, o papa discursou sobre o perigo (para a Igreja Católica, obviamente) representado pela expansão das "seitas" na América Latina e as acusou de "destruir desde a base, às vezes de maneira virulenta, a fé popular, sobretudo no que se refere ao mistério eucarístico e à Santa Virgem, à estrutura hierárquica da Igreja, à primazia do papa e às expressões de piedade popular" (*O Estado de S. Paulo*, 6.9.1995). Aqui, como nas demais vezes em que fala da expansão das "seitas" na América do Sul, o pontífice está se referindo sobretudo aos pentecostais. Com base nestes poucos, porém, expressivos exemplos, perguntamos que tipo de ecumenismo é este da Igreja Católica que propõe diálogo a interlocutores que considera "perigosos", propagadores de falsas promessas e que crescem, supostamente, às custas da ignorância e ingenuidade do povo?

Não é sem mais, portanto, que muitos evangélicos criticam a vocação "imperialista" da Igreja Católica, demonstrando séria desconfiança em relação às propostas ecumênicas da filial brasileira da Santa Sé. Eles, com razão, se perguntam: como é que uma igreja que há tantos séculos se vê no topo hierárquico do cristianismo e como a legítima representante de Deus na terra iria, de repente, se conceber como sendo uma denominação cristã a mais no meio de tantas outras no mercado religioso? Isto é, duvidam que um dia a Igreja Católica deixe de ser "imperialista" e se transforme numa igreja que se identifique, em pé de igualdade, com outras denominações cristãs.

Para o secretário-geral do CMI, Konrad Raiser, a Igreja Católica tem "ênfático seu caráter universal, segundo o que ela é a verdadeira manifestação da igreja de Cristo. Ela não consegue ver a si própria relacionada num mesmo nível com denominações ou igrejas organizadas em nível nacional" (*Contexto Pastoral*, nov/dez, 23).

Atordoada com a perda do monopólio religioso, a Igreja Católica no Brasil ainda não sabe como

agir numa situação de mercado, isto é, de concorrência. Acomodada aos cinco séculos de dominação religiosa no país, só recentemente começou a redefinir seu papel numa sociedade cada vez mais pluralista em termos religiosos. Por enquanto, é cedo para sabermos no que tal redefinição resultará: se numa igreja mais ecumênica ou, o que é mais provável, numa instituição cada vez mais proselitista, dedicada à competição religiosa. Se esta última opção se confirmar, isto é, se a Igreja Católica partir para a disputa, revidando inclusive os insultos e agressões de que tem sido vítima por parte da Igreja Universal, por exemplo, podemos esperar não pelo espraio do ecumenismo, mas pelo acirramento das divergências religiosas neste país, o que deverá alargar, ainda mais, o fosso que separa católicos, protestantes e pentecostais.

Ricardo Mariano
Rua Major Sertório, 235/64 - V. Buarque
01222-001 São Paulo - SP

5. cf. Alberto Antoniazzi, *A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo* in: *Nem Anjos nem Demônios*, Petrópolis, Vozes, 1994, p. 18.